

A covid-19, a mineração e o apelo “fique em casa”:

A partir da ética da responsabilidade

Covid-19, mining and the “stay at home” appeal:

From the ethics of the responsibility

Elton Laissone

Universidade Católica de
Moçambique

RESUMO

A Covid-19 recordou-nos que a vida é frágil, e que a nossa existência é insignificante, passageira. A pandemia provou também que o crescimento económico vem depois da necessidade de viver. A pergunta de Leibniz (porque existe o ser em vez do nada?), recolocada devido ao poder ilimitado de destruir o próprio ser, hoje é acompanhada por outra semelhante, mas mais profunda: porque o ser tem que existir em detrimento do nada? Sendo assim, o objectivo desta discussão é demonstrar que o apelo “fique em casa” devido à pandemia da Covid-19 não é um simples slogan publicitário, mas um verdadeiro apelo ético que deve levar-nos à responsabilidade pelo ser, sobretudo o ser vivo e o seu ambiente, isto é, responsabilidade pela oikos. Assim, o estudo, inteiramente qualitativo de matriz sociocrítica, e tornado teórico-empírico por ser feito a partir duma análise bibliográfica e da observação de factos do quotidiano em torno do impacto da Covid-19 no sector da mineração, desdobra a sua discussão em três áreas conceptuais: (i) a Covid-19 e o princípio da co-responsabilidade inevitável; (ii) a mineração, a economia extractiva e o princípio responsabilidade; e (iii) o apelo “fique em casa” e a ecologia integral na lógica do cuidado com a casa. A lição que estas três áreas conceptuais nos dão é que a responsabilidade pela oikos, para além de ser uma questão simplesmente ética, é também ontológica, e, conseqüentemente, uma questão de sobrevivência, quer de cada indivíduo, quer da espécie humana como um todo, quer do planeta.

Palavras-chave: Covid-19, mineração, economia extractiva, ética, responsabilidade, *oikos*.

Abstract

Covid-19 reminded us that life is fragile, and that our existence is insignificant, fleeting. The pandemic has also proved that economic growth comes after the need to live. Leibniz's question (why does being exist instead of nothingness?), reinstated due to the limitless power to destroy the own being, today is accompanied by a similar, but more profound one: why does being have to exist in detriment of nothing? Therefore, the objective of this discussion is to demonstrate that the “stay at home” appeal due to the Covid-19 pandemic is not a simple advertising slogan, but a true ethical appeal that should lead us to the responsibility for being, especially being living and its environment, that is, responsibility for oikos. The study is entirely qualitative with a socio-critical matrix, and has become theoretical-empirical because it is based on a bibliographic analysis and observation of everyday facts about the impact of Covid-19 in the mining sector. Thus, the study unfolds its discussion in three conceptual areas: (i) Covid-19 and the principle of inevitable co-responsibility; (ii) mining, the extractive economy and the principle responsibility; and (iii) the “stay at home” appeal and integral ecology in the logic of caring for the home. The lesson that these three conceptual areas give us is that the responsibility for oikos, in addition to being simply an ethical issue, also becomes an ontological issue, and, consequently, it becomes also a question of survival, whether for each individual, for the human species as a whole, or for the planet.

Keywords: Covid-19, mining, extractive economics, ethics, responsibility, oikos.



Rua: Comandante Gaivão n° 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

Introdução

A pandemia da Covid-19 mostrou-nos que a vida é frágil, que a razão da existência é questionável. Ela mostrou também que, devido aos avanços da tecnologia, o mundo está conectado e se tornou um só: os primeiros casos da Covid-19 tivessem origem na cidade chinesa de Wuhan em finais de 2019, e logo, em pouco tempo, todo o mundo ficou afectado. Este poder da tecnologia, colocando nas mãos do ser humano a capacidade de eliminar a vida e a si mesmo, tornou também o próprio ser humano vulnerável e inseguro.

A pergunta fundamental da filosofia, atribuída a Leibniz (porque existe o ser em vez do nada?), hoje é acompanhada por outra semelhante, aplicada no contexto da ética da responsabilidade de Hans Jonas, e mais profunda: porque o ser tem que existir em detrimento do nada? E essa pergunta ganhou sentido na medida em que o próprio ser revelou-se frágil, susceptível de desaparecer, pois o ser humano, pela tecnologia, tem poder para tal, um poder que foge do seu controle. A resposta àquela pergunta encontra a sua justificação numa ética baseada na responsabilidade pelo ser, sobretudo o ser vivo. É neste sentido que o objectivo central desta discussão é demonstrar que o apelo “fique em casa” devido à pandemia da Covid-19 não pode ser encarado como um simples slogan publicitário, mas sim deve comprometer-nos como um verdadeiro apelo ético que deve levar-nos à responsabilidade pela *oikos*¹. Daí que, mesmo que a emergência da Covid-19 tenha já passado, este apelo continua e continuará actual.

Este objectivo foi alcançado a partir de três reflexões, a saber: (i) Em torno da Covid-19, percebemos que um vírus nasceu de algum lugar, espalhou-se pelo mundo e ceifou vidas humanas, deixando todos nós inseguros: esta situação exige que reflectamos em torno do sentido da existência e do princípio de *co-responsabilidade inevitável* desenvolvido por Augusto Cury (2005). (ii) A economia extractiva no sector da mineração, assim como todos sectores da economia, sofreu recessão séria devido ao Estado de Emergência (no caso de Moçambique) e ao *lockdown* (no caso de alguns países da Europa, América e África do Sul). Esta situação recoloca a questão ética da prioridade da vida sobre o crescimento tecnológico e económico, questionando-se assim o poder hegemónico e insubstituível da tecnologia e da lógica do mercado. E isto remonta-nos ao *princípio responsabilidade* de Hans Jonas (1979). E (iii) o apelo “fique em casa” trouxe à tona a necessidade de redescobrir o valor da casa, resgatando os seus três níveis de sentido, a saber: a casa interior, a casa familiar e social, e a casa comum. E isto remonta-nos à *ecologia integral* do Papa Francisco (2015).

¹ Palavra grega que significa *casa*. Daí provém as palavras *ecologia*, *economia*, *ecossistema*, etc. Mas, para além de casa, também significa o planeta terra como um todo, a nossa casa comum.

O estudo seguiu a abordagem qualitativa de matriz sociocrítica. A abordagem é qualitativa visto que a pesquisa procurou, por meio duma discussão teórico-empírica, aprofundar a compreensão das transformações da realidade social operadas devido aos impactos da Covid-19 em Tete, e a mesma procurou também trazer luzes que possam iluminar os acontecimentos rumo às mudanças que o momento presente requer. É por isso que dizemos que a abordagem qualitativa é de matriz sociocrítica. A discussão torna-se teórico-empírica porque é baseada, por um lado, em teorias (o princípio da co-responsabilidade inevitável, a ética da responsabilidade e a ecologia integral), e por outro lado, é sustentada pela observação de factos do quotidiano em torno do impacto da Covid-19 no sector da mineração e da economia extractiva. Partindo dessas opções metodológicas, e seguindo o modelo de ver-julgar-agir-celebrar, o artigo ficou estruturado da seguinte maneira: (i) contextualização (ver); (ii) fundamentação teórica (julgar), (iii) análise e discussão (agir); e (iv) no fim, temos a conclusão (celebrar).

Contextualização

A pandemia da Covid-19 provou-nos que o crescimento económico vem depois da necessidade de viver, que ainda há espaço para pensarmos em alternativas ao modelo do mercado neoliberal como forma de manter e desenvolver a vida. De facto, por algum momento, a economia retrocedeu, as igrejas e todas as áreas culturais fecharam, as empresas paralisaram as suas actividades, o mundo teve que estar em silêncio, um silêncio que, para uns, foi meditativo, e para outros, uma longa espera, às vezes, insuportável. O mundo assistiu, com muita dor e dificuldade, a morte de muitos entes-queridos sem poder dar um funeral digno. E isto faz-nos voltar a uma outra questão fundamental e própria da filosofia: a questão do sentido.

Covid-19: uma pandemia que questiona o sentido da vida

De acordo com Resende (1998, p. 154), o sentido moderno de *pandemia*, usado na medicina e na saúde, é de uma espécie de epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países, em mais de dois continentes. Tal foi a característica da Covid-19, e isso levou Tedros Adhanom, director geral da Organização Mundial da Saúde, a declarar a Covid-19 uma pandemia no dia 11 de Março de 2020.

Olhando para o estado de alarme que esta pandemia provocou em todo o mundo, mentes entendidas perceberam que a humanidade poderia acabar. Neste sentido, a pergunta de Leibniz (porque existe o ser em vez do nada?), lida na óptica do *princípio responsabilidade* de Jonas, no contexto actual, é acompanhada por outra, mas mais profunda: porque o ser tem que existir em detrimento do

nada? A resposta pode encontrar-se na postura que o mundo tomou (*lockdown*) como forma de barrar a propagação do novo coronavírus. Esta postura mostrou que a necessidade de viver está acima de todo o crescimento económico.

Esta pandemia ceifou vidas pelo mundo fora. Apesar do estado actual da situação, a Covid-19 deixou-nos pontos de reflexão: (i) a influência mútua ao nível de todo o mundo é tal que não estamos conscientes da sua dimensão; (ii) devido a esta influência, porque estamos todos interligados e no mesmo barco, conforme teria dito o Papa Francisco, ou morremos juntos, ou sobrevivemos juntos; e (iii) a sobrevivência do ser humano pode estar em perigo porque revela-se uma certa incapacidade de nos erguermos juntos.

O extrativismo mineiro no contexto da Covid-19

O primeiro ponto que merece a nossa atenção é o poder tecnológico aplicado pelos megaprojectos de mineração para a actividade extractiva. Neste sentido, o que caracteriza um megaprojecto não é apenas o facto de ser intensivo em capital, mas também de ser intensivo em tecnologia de ponta, pois, se, por um lado, falamos do poder da tecnologia usada para a actividade de extracção mineira, por outro lado, precisamos de reconhecer o poder por detrás dessa tecnologia. E este é o ponto nevrálgico desta parte da reflexão: o reconhecimento de que, por detrás das tecnologias, há um poder, e que o uso intensivo das tecnologias para a extracção está acima da possibilidade de conservação da vida.

De facto, associado a um crescimento económico sem limites, o extrativismo apresenta dois âmbitos negativos. Em primeiro lugar, remonta a uma cultura económica rentista, centrada no lucro, que, ao depender da exploração da natureza, advoga a capacidade de inovação e consolidação empresarial, e fomenta apenas relações institucionais, dificultando que os países ricos em recursos naturais logrem o seu desenvolvimento. É o fenómeno da “maldição da abundância” (Karl, 1997, cit. em Fernández-Labbé, 2020, p. 227). Em segundo lugar, o crescimento acelerado das actividades extractivas acarreta fortes impactos económicos, sociais e ambientais, que geram mal-estar e conflitos entre os detentores deste poder e as comunidades (Acosta, 2009; Bebbington, 2009; Gudynas, 2009, cit. em Fernández-Labbé, 2020, p. 227). Nestes dois âmbitos negativos, vemos presente o poder das tecnologias.

Estes dois cenários, pensados a partir do contexto da América Latina, ajudam-nos a perceber que a actividade extractiva em Tete não pode ter trazido um bem-estar no seio das populações, mas sim o fenómeno da maldição da abundância. Porém algo aconteceu: vários membros das comunidades conseguiram ter empregos ao ponto de suprirem as necessidades das suas famílias. Mas precisamos

de saber que a maior parte desses trabalhadores era absorvida pelas empresas subcontratadas das mineradoras.

O segundo ponto está ligado aos impactos directos da Covid-19 na economia extractiva. Desses impactos directos, surgem dois dramas: (i) a recessão da economia no seu todo, e da economia extractiva de forma particular, causada pelo Estado de Emergência desde o dia 1 de Abril de 2020; e (ii) a perda de emprego de muitos trabalhadores que eram absorvidos sobretudo pelas empresas subcontratadas das mineradoras, agravando assim a pobreza de muitas famílias.

Muitas empresas subcontratadas pelos megaprojectos, do sector hoteleiro e do turismo sobretudo tiveram que paralisar as suas actividades, outras despediram os trabalhadores, outras deram férias colectivas sem salário. De acordo com Fernando (2020), as mineradoras que operam na província de Tete foram forçadas a reduzir drasticamente as suas operações, devido a dificuldades de escoamento do carvão mineral para o mercado internacional. O estudo da Confederação das Associações Económicas de Moçambique mostra em detalhes esta realidade (CTA, s. a.).

Estes dois pontos têm um denominador comum com a pandemia da Covid-19: o surgimento e a rápida propagação do coronavírus prova que, pela tecnologia, o ser humano é capaz de matar a vida na terra. As medidas que a maior parte dos países tomou mostraram que a vida é mais importante do que a economia, as tecnologias e o desenvolvimento. E o agravamento das condições de vida das populações devido ao despedimento nos seus locais de trabalho mostra a fragilidade das relações e a carência de cuidados pelo outro. Pode-se afirmar que temos nas nossas mãos um superpoder destruidor, mas que pode converter-se numa oportunidade construtiva. É neste sentido que, tendo o ser humano nas suas mãos um poder ilimitado sobre o ser e o nada, a ele é recolocada a questão de sentido: porque o ser em vez do nada? E ainda mais: se posso eliminar o ser, porque não posso fazê-lo? Porque entre o ser e o nada devo escolher o ser? Porque o ser (sobretudo o ser vivo) deve existir em vez do nada? A resposta a estas inquietações conduz-nos necessariamente à ética. E é aqui onde entra Hans Jonas com a sua obra *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*.

O apelo “fique em casa”: um *slogan* publicitário?

A pandemia da Covid-19 levou o mundo ao confinamento. A forma mais prática de materializar isto foi o apelo “fique em casa”. A ideia por detrás deste apelo é de que o facto de ficar em casa faz com que ninguém entre em contacto com o vírus. Assim, o vírus morreria por si. E as pessoas contaminadas ficariam curadas ou morreriam sem contaminarem as outras. Foi assim que os países que tiveram muitos casos de contaminação comunitária sentiram-se forçados a optar pelo *lockdown*, en-

quanto outros, como Moçambique, optaram pelo estado de emergência e, depois, o estado de calamidade pública.

Uma análise aprofundada em torno do apelo “fique em casa” e da sua desobediência leva-nos a três constatações: (i) que não estávamos habituados a viver em família, que temos imensas dificuldades de lidarmos com o nosso tempo e a nossa essência, que não nos suportamos durante muito tempo, e que, por isso, preferimos uma vida de evasão; (ii) que há uma crise do sentido de casa, nos seus três níveis: como interioridade pessoal (ser humano dividido por dentro, crise antropológica), como casa familiar e social (crise dos valores familiares, comunitários e sociais, crise da cidadania) e como ambiente (crise ambiental), portanto o apelo “fique em casa” revelou que a casa a que se refere está destruída desde a sua base; e (iii) que, de tando divulgar-se o apelo “fique em casa”, nós acabamos por sofrer o fenómeno de psicoadaptação no seu sentido negativo, e assim este apelo acabou por perder a sua capacidade persuasiva e tornou-se um simples slogan publicitário.

Fundamentação teórica

Agora apresentamos três subsecções: na primeira, ligada aos impactos da Covid-19, reflectimos sobre o princípio da co-responsabilidade inevitável de Cury; na segunda, ligada aos impactos da tecnologia na economia extractiva, reflectimos sobre o princípio responsabilidade de Jonas; e na terceira, ligada ao apelo “fique em casa”, reflectimos sobre a ecologia integral do Papa Francisco.

Augusto Cury e a co-responsabilidade inevitável

Cury desenvolveu este princípio no romance *O futuro da Humanidade*, publicado, na sua quarta edição, em 2005. O romance tem como personagem principal Marco Polo. É este personagem que desenvolve este princípio no cap. 11. De acordo com ele, “as relações humanas são uma grande teia multifocal” (Cury, 2005, p. 57) e que nós estamos interconectados, pois “ninguém é uma ilha física, psíquica e social dentro da humanidade” (p. 57). O personagem, em conversa com Falcão, refere que todos somos afectados pela sociedade, mas também todos interferimos na sociedade através de nossos comportamentos e acções. Portanto, somos todos co-responsáveis.

Cada uma das pessoas que morreram de Covid-19 não deixou de exercer sua influência no nosso meio social. Esta causa da morte altera o tempo dos amigos e parentes e de todos aqueles em que tal pessoa exercia influência directa. Assim, a sua morte gerou neles vazios existenciais, lembranças e pensamentos perturbadores que afectarão sua história e o futuro da sociedade. Portanto, o princípio da co-responsabilidade inevitável, sobretudo durante a pandemia, demonstrou que nunca podemos

ser uma ilha. A humanidade é uma família vivendo numa complexa teia. Somos uma única espécie: a espécie humana. Devemos amá-la e cuidar dela mutuamente, caso contrário não sobreviveremos.

Hans Jonas e a ética da responsabilidade

Pudemos mostrar que a actividade de extracção mineira não só é intensiva em capital, mas também em tecnologia. E a tecnologia usada revela o poder que age por detrás. Assim, por meio dela, o ser humano aumentou o seu poder e a sua capacidade de destruir o planeta. A extracção mineira é reflexo deste poder ilimitado que materializa o desejo de explorar a terra e todos seus recursos.

Devido a este poder destruidor, o ser tornou-se frágil e descartável, pois o ser humano pode destruí-lo. Então, se nós podemos destruir o ser, porque não destruí-lo? Esta pergunta, baseada na pergunta ontológica (porque existe o ser em vez do nada?) ganha em Jonas um cunho ético, pois o ser humano, tendo poder ilimitado sobre o ser, sobretudo o ser vivo, torna-se responsável pela sua permanência. É aqui onde Jonas teve a intuição de unir a ética e a ontologia. Ele refere que o ser precisa de existir porque é da sua natureza existir, e o ser humano é responsável por isso: daí a responsabilidade pelo ser, pela vida no planeta e pelas gerações futuras. Assim, Jonas reformulou o imperativo categórico de Kant no seguinte: Age de tal forma que os efeitos da tua acção não comprometam a continuidade duma autêntica vida humana no planeta. Vale dizer: não mates a vida, nem a presente, nem a futura (Zolet, 2016).

Mas, se o ser humano não tem a capacidade de prever com totalidade as consequências futuras das suas acções, e, sabendo que tais acções, devido ao poder da tecnologia, podem alterar o ritmo normal da natureza, causando danos irreparáveis e perigando a continuidade da vida (vale pensar nas actividades de extracção mineira em Moatize, em Chirodzi, etc.), há que ter precaução, controle, prudência. O termo *heurística do medo* quer significar que o ser humano deve ter medo das consequências dos seus actos antes de realiza-los. Para tal, e parafraseando Oliveira (2011), em entrevista com a IHU On-Line (Márcia Junges), é preciso utilizar as predições e os presságios apontados pelos saberes científicos modernos como forma de antecipação das condições desastrosas previstas caso o ser humano não altere as suas acções. É aqui onde tem sentido a responsabilidade: não se trata de responsabilidade pelos actos cometidos, mas pelos actos ainda não cometidos e por cenários ainda não acontecidos. Por isso, na mesma entrevista, Oliveira destaca que se trata de uma tomada de consciência do perigo, do risco do mal que adviria do uso perigoso do poder da técnica. Como a ameaça ambiental é geralmente imperceptível, a heurística poderia contribuir para revelar a real possibilidade do perigo, e serviria de convocação. Portanto, todos, sobretudo os detentores do poder da técnica e fazedores de políticas, seriam convocados à responsabilidade pela vida. E, neste sentido,

seria uma questão de responsabilidade retardar a economia e o desenvolvimento para manter e preservar a vida.

O Papa Francisco e a ecologia integral

A proposta da ecologia integral (*Laudato Si'*, cap. IV) não advém de um simples romantismo, mas da certeza de que este é o único caminho, se queremos preservar a vida, o ser humano, a terra e o futuro. Por isso, o Papa submete a uma rigorosa análise crítica o paradigma tecnocrático, mecanicista, racionalista, consumista e individualista, e propõe práticas alternativas, pedindo com urgência uma radical conversão ecológica, e destacando a importância de uma paixão pelo cuidado do mundo, uma mística que nos convida a celebrar.

A partir duma dimensão mística da conversão ecológica e da paixão pelo cuidado do mundo, percebe-se que, falar de *oikos* não é simplesmente falar da casa, mas de todo o ambiente que torna possível a vida. E a ecologia integral ajuda-nos a compreender e classificar este ambiente em três níveis: ao nível pessoal (interioridade, o humano que há em nós), ao nível social (desde a base familiar, passando pelo comunitário até ao social) e ao nível ambiental (o ambiente). Estes três níveis correspondem às três dimensões do desenvolvimento de acordo com Felix (2021, p. 311), que são: (i) individual; (ii) social; e (iii) ambiental. No primeiro nível, temos a ecologia mental e do profundo; no segundo, a ecologia económica, social, cultural e da vida quotidiana, e apela para o bem comum; e no terceiro, a ecologia ambiental e a da justiça intergeracional que, usando termos de Carmo (2014) significa solidariedade com as gerações passadas, presentes e futuras. Portanto, neste sentido, o apelo “fique em casa” passa a ser percebido como uma exigência de reabilitar a casa à luz dessa ecologia integral.

Análise e discussão

O momento de *agir* não é para dar orientações práticas nem sentenças, mas é para discutir em torno da forma de tornar prático um novo estilo de vida e a praticidade de uma ética baseada na responsabilidade pela *oikos*.

A Covid-19 e suas lições para o “novo normal”

Já houve outras pandemias na história da humanidade. Podemos dizer que a especificidade da Covid-19 está nestes dois aspectos: (i) a sua abrangência de forma rápida ao nível de quase todo o mundo; e (ii) por ser o reflexo de uma crise maior, que se pode chamar de crise da humanidade.

Em relação ao primeiro aspecto, vai a reflexão feita neste presente artigo: estamos interconectados como membros da mesma aldeia, e a tecnologia é o factor determinante desta interconexão. Por

isso, bastou um vírus assolar a China para todo o mundo ficar implicado. O princípio de co-responsabilidade inevitável de Cury pode ensinar-nos a desenvolver um estilo de vida em que cada um de nós seja um factor de soma para si mesmo no futuro e para o outro (incluindo o planeta e o sistema vida) no presente e no futuro. Em relação ao segundo aspecto, percebe-se que a crise trazida pelo novo coronavírus é apenas o reflexo de uma humanidade já em crise, uma crise multisectorial: sociopolítica, económica, ética, civilizatória, crise de valores, da religiosidade, de sistemas, etc. A Covid-19 foi uma ocasião em que tal crise se manifestou de formas diversas, deixando-nos várias lições.

Apresentamos aqui, numa forma enumerada, tais lições sem aprofundá-las, mas acreditando que cada uma delas pode ser um tema para futuros estudos e aprofundamentos que continuarão a ajudar para compreendermos o “novo normal” de forma emancipatória: (i) as mortes revelaram que somos muito frágeis, vulneráveis, o que nos remonta ao estado miserável do ser humano; (ii) a crise da Covid-19 manifesta apenas que a humanidade já vivia uma grande crise e que, por isso, ela exige que tomemos uma posição transformadora, revolucionária e emancipatória; (iii) a pandemia mostrou-nos que a vida é mais importante do que a economia e o desenvolvimento, e isto apela-nos para uma nova ética, a ética do cuidado com a vida no seu lar (*oikos*); (iv) tal ética do cuidado baseia-se na responsabilidade pelo ser, sobretudo o ser vivo presente e futuro, e como necessidade de sobrevivência do ser. Por isso, vale reconhecer que não é suficiente empenharmo-nos em testes, estatísticas e vacinas se não cairmos na consciência de que o novo normal deve traduzir-se numa nova humanidade.

A economia extractiva, o poder das tecnologias e a ética da responsabilidade

O paradigma capitalista aliena o ser humano e redu-lo a um simples recurso. E diante das grandes máquinas tecnológicas, o ser humano feito máquina e, na linha de Felix (2021), visto como sem história e sem memória, simplesmente é descartável. Os despedimentos em massa dos trabalhadores nas empresas são reflexo disso. Assim, se assistimos a recessão da economia e a paralisação de actividades de muitas empresas, sobretudo aquelas ligadas à mineração, como impactos negativos da Covid-19, isto pelo menos mostra-nos o seguinte: (i) o poder que o ser humano tem ao seu dispor é tão grande que é capaz de destruir a vida, o ser e o futuro; e isto exige dele grande responsabilidade, quer pela vida, quer pelo ser (incluindo o planeta), quer pelo futuro; (ii); as máquinas e todo o aparato tecnológico não podem substituir o ser humano pois este continua a ter o seu valor e dignidade; e (iii) esta constatação traz de volta um problema ético: a relação entre o ser humano e a máquina, e a afirmação da prioridade do ser humano sobre a máquina.

O *princípio responsabilidade* propõe-se como uma das saídas para esta situação. Neste sentido, agir com responsabilidade significa reconhecer que, tendo nós o poder de escolher entre o ser e o nada,

e tendo nós o poder de destruir o ser, escolhemos e nos comprometemos com o ser. Sendo assim, a ontologia une-se à ética, pois envolve a *opção preferencial pelo ser*, sobretudo o ser vivo. A heurística do medo significa que, mesmo que não tenhamos dados científicos para comprovar, há consciência de que a actividade mineira, no futuro, poderá deixar a terra destruída, a água contaminada e as comunidades doentes. E isto, tendo em conta o *princípio da precaução*, deve influenciar o modo como a actividade mineira deve ser realizada hoje: pensar na saúde das comunidades, na sanidade da água, na continuidade dos seres vivos, na beleza da própria terra. Se fomos capazes de paralisar as actividades de extracção mineira por causa da Covid-19 ao ponto de pôr em crise a economia, é porque isso também pode ser feito em função das comunidades e dos seres mais frágeis.

A ecologia integral e o cuidado com a casa

O que é que a ecologia integral e o cuidado com a casa nos ensinam para agir com responsabilidade? Digamos primeiro que agir com responsabilidade, neste contexto, significa superar a dimensão publicitária do apelo “fique em casa”, e subir de nível de compreensão. Vale dizer também que, neste ponto, trata-se de olhar para o apelo “fique em casa” no contexto da ética do cuidado. Logo se subimos para este nível, tal apelo já não pode apenas ser assumido e considerado como um *slogan* publicitário, mas sim como um verdadeiro apelo ético, que interpela as nossas consciências e nos chama a uma nova espiritualidade e à acção.

É curioso notar que, até pela via etimológica, os termos *ética* e *ecologia* estão relacionados. De facto, *ética* vem do grego *êthos*, que significa costumes e morada; enquanto *ecologia* provém de duas palavras gregas (*oikos*, casa, e *lógos*, razão, discurso), e significa tratado da casa, também em conexão com economia (*oikos* e *nómos*, lei), a lei da casa, ou as normas de administração da casa. Portanto, por via etimológica, há uma compenetração entre a ética, a ecologia e a economia. E tal compenetração é possível porque todos esses termos trazem dentro de si a ideia de casa. A ética dá-nos o sentido de casa do ser, lá onde o ser mora e descansa. Seria, neste sentido, o carácter, a interioridade. A ecologia apenas dá-nos o sentido de tratado ou estudo da casa, das coisas que moram na casa, e da ligação entre elas, isto é, estudo das coisas no seu lar. E por fim economia diz respeito às regras de administração dessa casa (Borges, 2010, Dezembro). Portanto, pela etimologia dessas palavras, percebemos que ficar em casa significa cuidar da nossa casa, administra-la com normas que funcionam. E isto exige ter em consideração os três níveis de compreensão do conceito *oikos*: como interioridade, como família (comunidade e sociedade) e como planeta.

É neste sentido que o apelo “fique em casa” exige organizar a casa por meio duma educação (e auto-educação) em que nós nos tornamos capazes de transformar a realidade, transformando-nos por dentro, uma transformação emancipatória. E esta transformação da realidade não é fruto duma von-

tade sem consciência, mas é fruto de uma indignação justa que nasce da certeza de que o ser deve existir, e o ser vivo deve continuar a evoluir. Este deve ser o rosto da educação ambiental.

O apelo “fique em casa” não é apenas um apelo ético, mas também tem uma dimensão ontológica e é uma questão de sobrevivência. Tem uma dimensão ontológica porque toca questões de razão da existência: o ser se justifica por si, pois é da sua própria natureza existir, e a necessidade da continuidade da sua existência urge e ecoa no consciente do ser humano. Tal apelo é também uma questão de sobrevivência porque o contrário significa aniquilamento da vida em si.

Conclusão

O quarto momento é o de *celebrar o “ficar em casa”*. Portanto, não se trata apenas de “ficar em casa” de forma passiva ou como simples cumprimento da norma dada pelo sector da saúde no combate à Covid-19, mas sim de celebrar esta realidade. E isto significa agir com consciência, escolher o que tem que ser feito, prevenir danos futuros e reeditar danos passados, enfim significa construir a casa. A chave desta celebração é a responsabilidade nos seus três níveis tidos como lugares onde eu devo sentir-me *em casa* de forma celebrativa, tal como foram apresentados neste artigo, no seguinte:

- a) Responsabilidade pelo humano que deve existir em mim (sou a minha obra): O primeiro lugar é dentro de mim, na minha pele, na minha interioridade. Neste sentido, ficar em casa como de celebração significa não cair na tentação da psicoadaptação negativa, ao ponto de relaxar todas as medidas de combate à Covid-19, mas sim cair na conta da necessidade de cuidar de mim, de construir-me, de tornar-me na minha própria obra, de tomar posse de mim e assumir a responsabilidade de deixar crescer tudo o que de humano existe em mim. E esta tarefa não pode realizar-se sem sacrifício, pois eu sou ao mesmo tempo a obra e o obreiro².
- b) Responsabilidade pela casa (amizade familiar e social): O segundo lugar é na minha família, na minha comunidade e na sociedade em geral. Portanto, há uma gradação de círculos: do círculo mais restrito (laços familiares) até ao círculo mais amplo (compromisso social em geral). E neste sentido, cada um de nós é chamado a carregar sobre si a responsabilidade de construir relações fortes, amizade sincera, laços familiares maduros, instituições que funcionam, enfim, todos somos chamados a construir a civilização do amor e da paz (Paulo VI, 1970), a construir a fraternidade e a amizade social (Francisco, *Fratelli Tutti*, 2020). Em outras palavras, é o apelo à cidadania. O modelo da economia e as actividades de extracção mineira

² Man cannot remake himself without suffering, for he is both the marble and the sculptor (Alexis Carrel).

precisam de se subordinar aos critérios da responsabilidade pela casa social. O princípio de co-responsabilidade inevitável de Cury ganha aqui a sua importância: saber que cada acto que realize ou que deixo de realizar afecta os outros, a história e a humanidade (presente e futura).

- c) Responsabilidade pelo planeta (co-criadores com Deus): O terceiro lugar é no planeta, no ambiente, na casa comum. Tendo nós caído na conta de que as nossas acções e omissões afectam os outros, a história e a humanidade, tendo nós o poder de destruir ou construir pela tecnologia, somos chamados a desenvolver uma cultura de cuidado da casa comum e de cada um dos seus habitantes. É aqui que ganha importância o *princípio responsabilidade* de Hans Jonas: responsabilidade pelo ambiente e pelas gerações futuras. Isto significa dizer que cada acção ou omissão do ser humano, individual ou colectivamente, deve trazer em si, por um lado, a consciência dos impactos que tal pode causar e, por outro lado, o sentido de medo, de precaução e, por isso, de cuidado.

Precisamos de experimentar uma ética capaz de se desdobrar nestes todos níveis de casa. Desde o passado mais antigo até Hans Jonas, Papa Francisco e outros actuais, temos esses apelos de uma ética capaz de contar com o nível de abrangência da intervenção humana. A especificidade dos dias actuais é o modo global como as nossas acções interferem. Daí que digamos que se trata do relançar dessa ética, pois ela tem história e exige tomada de posição. A pandemia da Covid-19 apenas deu-lhe mais importância. Uma vez superada a pandemia, na linha de Valero (2022), será o momento de planificar todas reformas necessárias para evitar que se repita uma situação idêntica. E isso passa necessariamente por assumir aquela responsabilidade que deve transcender as exigências da pandemia e tornar-se o característico do tão almejado novo normal.

Referências bibliográficas

Borges, A. (2010, Dezembro 11). Ética ecológica. In *Diário de Notícias*. Recuperado em <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/anselmo-borges/etica-ecologica-1732312.html>

Carmo, H. (2014). *Educação para a cidadania no séc. XXI*. Lisboa: Escolar Editora.

Confederação das Associações Económicas (CTA) (s. a.). *Análise do impacto da covid-19 nas operações da cadeias de valor da indústria extractiva*. Recuperado em <https://cta.org.mz/wp-content/uploads/2020/06/ANALISE-DO-IMPACTO-DA-COVID-19-NA-INDUSTRIA-EXTRACTIVA-.pdf>.

Cury, A. (2005). *O futuro da humanidade: a saga de um pensador* (4ª ed.). Rio de Janeiro (Brasil): Sextante. Recuperado em em <https://dokumen.tips/documents/augusto-cury-o-futuro-da-humanidade-pdf-rev.html>

Dicas EI: Psicoadaptação (s. a.). Excerto do texto *Setor de Pesquisa, Produção e Desenvolvimento de Conteúdos (PPDC)* do Grupo Educacional Augusto Cury. Recuperado em em <https://escoladainteligencia.com.br/dicas-ei-a-psicoadaptacao/>

Felix, A. B. (2021, maio). Desenvolvimento (pós-Covid): memória, discernimento, humanismo, ética, ciência e natureza. In *Revista Portuguesa de Cardiologia*, 40 (5), pp. 311-315. Recuperado em <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1576988722000024?token=A9C08A292EC6818EC1D9D64B81114379761244EEC2EEB12996F7A21ADD295368574B354199E33999A48BA4439F46F0D8&originRegion=eu-west-1&originCreation=20220712030136>

Fernández-Labbé, J. (2020). El territorio como espacio contradictorio: promesas y conflictos en torno a la actividad extractiva en Ecuador, Colombia, Perú y Chile. In *Eure*, vol. 46, n. 137, pp. 225-246. Recuperado em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/196/19660638012/html/index.html>

Fernando, A. (2020, Junho 22). Covid-19: Mais de sete mil trabalhadores desempregados em Tete. *DW África*. Recuperado em <https://www.dw.com/pt-002/covid-19-mais-de-sete-mil-trabalhadores-desempregados-em-tete/a-53898747>

FRANCISCO, Papa (2015). *Laudato Si'*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. Roma: Libreria Editrice Vaticana.

FRANCISCO, Papa (2020). *Fratelli Tutti'*. Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Roma: Libreria Editrice Vaticana.

Henrique, E. S. (2020). *Pandemia, epidemia e endemia: significados e diferenças | Colunistas*. Recuperado em <https://www.sanarmed.com/epidemia-endemia-e-pandemia-seus-significados-e-suas-diferencas-colunistas>

Ministério da Saúde, *Boletim diário n. 333*, atualização de 13 de fevereiro de 2021. Recuperado em file: <https://www.misau.gov.mz/index.php/covid-19-boletins-diarios>

Oliveira, J. R. de (2011). *A heurística do temor e o despertar da responsabilidade*. Entrevista com Márcia Junges, IHU On-Line. Recuperado em http://www.biodiversidadla.org/Documentos/A_heuristica_do_temor_e_o_despertar_da_responsabilidade

PAULO VI, Papa (1970, Maio 17). *Regina coeli*. Angelus. Recuperado em http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf_p-vi_reg_19700517.html

Serviço Provincial de Saúde de Tete (2021). *Boletim diário da Covid-19 n. 272*, atualização de 13 de Fevereiro de 2021.

Resende, J. M. de (1998, Janeiro - Junho). Epidemia, endemia, pandemia. Epidemiologia. In *Revista de Patologia Tropical*, 27 (1), pp. 153-155. Recuperado em <https://www.revistas.ufg.br/iptsp/article/download/17199/10371/>

Valero, F. P. (2022, Maia - Agosto). La gestión de la pandemia de COVID-19 en las residencias geriátricas de Cataluña. In *Vacunas*, 23 (2), pp. 77–88. Recuperado em <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1576988722000024?token=A9C08A292EC6818EC1D9D64B81114379761244EEC2EEB12996F7A21ADD295368574B354199E33999A48BA4439F46F0D8&originRegion=eu-west-1&originCreation=20220712030136>

Zolet, L. A. da S. (2016, Janeiro - Abril). Jonas, Hans. O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. *Revista Jurídica Cesumar - Mestrado*, 16 (1), pp. 233-239. Recuperado em <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/download/4623/2743/>
